



---

# Mulheres que fizeram e fazem a história palestina

Abdullah Omar

**MEMO**  
MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

# MONITOR DO ORIENTE MÉDIO

O Monitor do Oriente Médio é um instituto de pesquisa política sem fins lucrativos que fornece informações e análises abrangentes sobre política internacional. Sua produção é disponibilizada para uso de jornalistas, acadêmicos e políticos com interesse nas regiões do Norte da África e Oriente Médio — com destaque para a questão palestina. O portal em português também inclui informações e análises sobre América Latina.

O objetivo do MEMO é influenciar políticas e pautas públicas a partir da perspectiva da justiça social, dos direitos humanos e da lei internacional. Isso é fundamental para obter igualdade, segurança e justiça.

O MEMO gostaria de ver um Oriente Médio definido por princípios de igualdade e justiça, ao promover a restauração dos direitos palestinos, incluindo o direito de retorno e um Estado palestino democrático com Jerusalém como sua capital. O MEMO defende também um Oriente Médio livre de armas nucleares.

Ao assegurar que formuladores de políticas sejam melhor informados, por meio de uma cobertura de mídia justa e embasada, MEMO busca promover um maior impacto nos atores responsáveis por decisões-chave que afetam políticas regionais e internacionais.

Título: Mulheres que fizeram e fazem a história palestina



Monitor do Oriente Médio  
Avenida Conselheiro Carrão, 1077  
Sala 706, Vila Carrão São Paulo  
Estado de São Paulo, Brasil  
+55 (11) 2093-0599  
[www.monitordooriente.com](http://www.monitordooriente.com)

Publicado em março de 2022.

© Editora MEMO 2022

Licença: Creative Commons

Atribuição 3.0 Brasil (CC BY 3.0 BR).

<https://creativecommons.org/licenses/by/3.0/br/>

## Mulheres que fizeram e fazem a história palestina

### Abdullah Omar

Jornalista e crítico palestino, nascido em Ramallah, especializado em Gestão Esportiva pela FIFA/CIES. Diretor do Fórum Latino-Palestino e colaborador do MEMO, escreve em inglês, árabe e português.



O mundo inteiro comemora, em 8 de março de cada ano, o Dia Internacional de Luta da Mulher. A ideia de celebrar essa luta surgiu pela primeira vez durante o período em que o mundo testemunhava a turbulência da expansão industrial e o crescimento populacional, em que ideologias transformadoras despontavam, e a opressão vivida pelas mulheres tornava-se motivo de revoltas. Manifestações reivindicando seus direitos aconteceram em vários países do mundo, como os protestos das trabalhadoras em Nova York, em 1856, e se proliferaram nas décadas seguintes. Até agora, milhões de mulheres ainda lutam por direitos fundamentais.

As mulheres conseguiram impulsionar muitas transformações e avanços sociais, econômicos, políticos e científicos desde então, contornando barreiras e obstáculos, orgulhando-se pelas contínuas vitórias alcançadas, mas ainda precisam lutar por justiça e oportunidades iguais em todas as esferas da vida. Isto, infelizmente, ainda está distante para a grande maioria e não é diferente para as mulheres árabes, as palestinas em particular, que lutam incansavelmente para alcançar seus direitos nos vários aspectos de uma vida sob ocupação, bloqueio e apartheid.

## A luta das mulheres palestinas

As palestinas se distinguem por uma situação muito singular, pela opressão nacional que inclui formas de exploração política, econômica e social mais severas do que em outros lugares, caracterizando um estado de apartheid e obrigando-as a viver como cidadãs de segunda classe em sua terra, ou fora de sua terra sem direitos de retorno.

A ocupação da Palestina agrava a situação de alienação humana e social vivida por tantas mulheres do mundo, fruto das antigas tradições e costumes herdados do feudalismo, da burguesia e da sociedade patriarcal. As palestinas, além disso, sofrem com seu povo.

As mulheres protagonizaram cenas heróicas ao longo da história da causa palestina e, desde o início, lutaram confrontando os ocupantes e educando gerações para a resistência. Elas carregam a causa de sua terra ocupada e dividida, violada desde o Mandato Britânico e a Declaração Balfour até a ocupação sionista que aniquilou o país, expulsou seu povo, mudou os nomes de cidades e aldeias e privou grande parte do povo palestino do direito à própria cidadania.

No entanto, apesar dessa dura realidade que impõe condições econômicas, sociais, de vida e de saúde desumanas, associadas à violência e abusos, as mulheres mantêm seu firme papel frente ao colonialismo colonizador da terra da Palestina.

Em todas as lutas, as mulheres lideram, organizam ou participam das ações de resistência palestina, atuando em várias frentes e formas de luta.

- Luta pacífica, com petições, manifestos e mensagens de protesto para enfrentar as ações e os planos de avanço da ocupação.
- Lutas de massa, com manifestações, atos políticos e protestos.
- Resistência cultural e civilizacional à ocupação sionista, preservando o caráter e as tradições nacionais, desenvolvendo as capacidades das massas ao treinar e reabilitar outras mulheres, erradicar o analfabetismo, criar projetos produtivos, abrir e manter casas de apoio para mães e meninas, escolas e associações.
- Luta política e militar dentro e fora dos territórios ocupados, participando das guardas e ações, transporte de mantimentos e munições, prestação de primeiros socorros aos combatentes, planejamento e execução de operações militares.

## **Etapas da luta das mulheres palestinas 1917-1947**

A mulher palestina começou a exercer seu papel na luta nacional desde a emissão da Declaração Balfour em 1917 e, apesar das tradições sociais e patriarcais associadas à realidade retrógrada da região, participou da massiva revolta pública que varreu a maioria das cidades e vilas da Palestina na forma de greves, manifestações barulhentas e confrontos armados, e também na luta por sua libertação social. Entre os traços mais proeminentes da luta das mulheres nesta fase:

- A participação na primeira revolução popular contra o Mandato Britânico, quando uma manifestação de 40.000 percorreu as ruas de Jerusalém em 27 de fevereiro de 1920. Também a presença na delegação que exigia o cancelamento da Declaração Balfour.
- Em 1921, foi fundado a primeira União de Mulheres palestinas, e uma das pioneiras foi Zulekha Al-Shihabi.
- Em 1929, foi realizada a primeira Conferência das Mulheres Árabes Palestinas com a presença de trezentas representantes de diferentes regiões da Palestina.
- Durante esse período, as associações de mulheres, como a União das Mulheres Árabes Palestinas, estavam ativas.
- No campo militar, as mulheres das cidades costumavam transportar armas leves de um lugar para outro através dos postos de controle, enquanto as mulheres das aldeias transportavam roupas, suprimentos e munições para a resistência nas montanhas.
- As mulheres trabalhavam na área de conscientização e mídia, e uma das pioneiras nesse trabalho foi Sadjij Nassar.

## **1947-1948**

O povo palestino mais uma vez recorreu às armas em 1947 para frustrar o plano de partilha da Palestina, e as mulheres correram para resistir à resolução das Nações Unidas. As atividades mais destacadas desta etapa são:

- Participação das mulheres na escavação de trincheiras e na construção de fortificações.
- Formação de equipes secretas para acompanhar as forças revolucionárias, realizando o trabalho de enfermagem e fornecendo suprimentos e armas à revolução.
- Conversão de centros sociais e alguns hotéis em hospitais militares de emergência.

## **1948-1967**

Após a migração forçada do povo palestino nos eventos da Nakba em 1948, e em decorrência das condições de deslocamento para fora da terra e das condições de ocupação dentro da terra, a mulher palestina se viu diante da responsabilidade de participar em várias frentes, e ao mesmo tempo proteger sua família e comunidade. As palestinas protagonizaram a entrada das mulheres árabes no campo do trabalho externo, como funcionárias públicas, trabalhadoras, estudantes e professoras graduadas. Envolveram-se no trabalho sindical e partidário e lutaram nos movimentos nacionalistas árabes até alcançarem escalões de liderança. No campo social, a contribuição das mulheres foi enorme, formando muitas associações e instituições para ajudar o povo a superar os problemas da guerra e da imigração.

## Pós-1967

Quando a maré revolucionária começou na década de 1960, as mulheres juntaram-se às organizações guerrilheiras e às fileiras da revolução. Entre as características da luta deste período estão:

- Participação ativa em todos os campos, especialmente nos assuntos sociais, serviços médicos, centros de reabilitação e treinamento, na mídia de massa e de campo.
- Participação de forma limitada em operações militares dentro dos territórios ocupados.
- Luta para entrar na arena da ação política organizada até alcançar papéis públicos de vanguarda em partidos e movimentos.

Nos territórios ocupados, a mulher foi protagonista de manifestações, protestos e petições a organizações internacionais. Teve um papel de destaque na primeira intifada em 1987, quando enfrentou a ocupação israelense lado a lado com os homens. Foi igualmente importante o papel da mulher palestina nos países da diáspora, obrigada a viver longe de sua terra natal. Apesar disso, ela aprendeu, lutou e ensinou aos filhos que a Palestina é uma terra árabe e que o direito de retorno a ela é a principal verdade na qual acreditar. Também não se deve esquecer a mulher palestina presa por anos nos cárceres da ocupação israelense, punida por defender sua terra.

Algumas histórias pessoais ajudam a trazer vislumbres da luta geral das mulheres nas várias etapas da causa palestina, demonstrando que as suas lutas por libertação são passos importantes na direção de uma paz mundial baseada na liberdade e justiça social, sem discriminação de religião ou de gênero.

Em homenagem a essas mulheres, seguem exemplos de palestinas que se armaram da vontade e conseguiram superar muitas barreiras para deixar suas digitais nas páginas da história do seu povo.

## Karima Abboud<sup>1</sup> 1893-1940



**Karima Abboud** nasceu em 13 de novembro de 1893 na cidade de Belém, filha do pastor Said Abboud, que serviu na Igreja Evangélica Luterana da Natividade por cinquenta anos, e estudou no Schneller Center, que é a educação mais alta que uma palestina poderia receber na época. Sua mãe, Bárbara, trabalhava como professora.

Caso excepcional para uma mulher que viveu na Palestina no início do século XX, ela carregava sua câmera fotográfica com coragem e ousadia

<sup>1</sup> <http://https://cutt.us/GdLZV> (Karimeh Abbud)

para provar ao mundo que a mulher palestina é capaz de inovar em áreas que eram restritas a homens, inclusive com papéis de liderança. Ela divulgou sua causa através das fotos que se tornaram um meio de luta e um documento da história de sua terra e seu povo na época. Seu trabalho contradiz a afirmação sionista de que a Palestina poderia ser ocupada por ser um terra sem povo para um povo sem terra.

Artista talentosa, Karima registrou os efeitos do sol em diferentes períodos do dia, do nascer ao poente, e a mudança dos raios de luz de acordo com as diferentes estações do ano, até descobrir que cada imagem tem seu próprio sol. Ela viajou por toda a Palestina e no exterior, sendo notável naquela época que uma mulher dirigisse seu próprio carro, andando pelo país e voltando para casa para fotografar outras mulheres.

A fotografia de Karima foi divulgada em jornais como o jornal Al-Karmel, que a chamou de: “Karima Abboud, fotógrafa nacional do sol”. O historiador Johnny Mansour diz sobre ela: Karima enfrentou o projeto de fotografia colonial britânico-sionista, que programava as imagens para mostrar que esta terra estava vazia, uma terra sem gente. Ela mostrou através de suas fotos que esta terra tem um povo, e como resultado, seu estúdio foi destruído em 1948, com a entrada da ocupação israelense na Palestina. Suas fotos foram confiscadas e guardadas nos porões dos arquivos de Israel, sobre as quais durante anos só se ouvia falar.

Karima Abboud morreu em 1940 devido a uma febre que a afligia sem descanso. Com sua partida precoce, os palestinos perderam um grande talento e uma mulher militante. Seu funeral foi triste e demorado, embora a distância do féretro fosse curta. A câmera foi levada ao lado de seu caixão, como ela recomendou, dizendo: quero que ela me acompanhe até o túmulo, mas não quero que seja enterrada comigo. Quero que ela veja as coisas que eu não mais poderei ver.

## May Ziadeh<sup>2</sup> 1886-1941



**May Ziadeh** é escritora palestina nascida em Nazaré, de pai libanês e mãe palestina. Seu nome de nascimento é Mary Elias Ziade. Ela recebeu educação primária em Nazaré e educação secundária no Líbano, onde foi morar com os pais. Em 1907, mudou-se com a família para o Cairo, para estudar na Faculdade de Letras.

Ensinando francês e inglês, ela continuou seus estudos de alemão, espanhol e italiano. Ao mesmo tempo, dedicou-se ao domínio profundo da língua árabe. Mais tarde, ela prosseguiu estudos em literatura árabe, história islâmica e filosofia na Universidade do Cairo. Tornou-se fluente em nove idiomas: árabe, francês, inglês, alemão, italiano, espanhol, latim, grego e siríaco.

---

<sup>2</sup> <https://cutt.us/cvV4l> (May Ziadeh)

Seus primeiros escritos, em francês, são assinados com o nome Isis Cubaia e, como era costume para muitas mulheres de seu tempo, começou a escrever sob pseudônimo. Ela foi “Aida” e depois “Miss May”, nome que a acompanhou. O famoso escritor Gibran Khalil Gibran a chamava “Mayy” e correspondeu-se com ela, trocando cartas de amor sem nunca conhecê-la por 20 anos.

Por muitos anos, ela incutiu nos corações do público sua bela poesia e prosa e suas obras-primas e escritos no mundo da literatura, até sua morte, em 19 de outubro de 1941, em Maadi, Egito, onde deixou para trás uma rara biblioteca, até hoje preservada.

### Zulaykha al-Shihabi<sup>3</sup> 1903-1992



**Zulaykha al-Shihabi** nasceu em Jerusalém em 1903 e estudou em uma escola de freiras. Seu pai foi um dos poucos da região que, no início do século XX, estava interessado em enviar suas filhas para escolas para aprender ciências e línguas, e ela foi uma das primeiras.

Pertencente a uma antiga família de Jerusalém, cresceu aprendendo a história de sua cidade desde a conquista árabe-islâmica e ganhou consciência sobre os perigos do sio-

nismo. Trabalhando para transmitir aos colegas de escola o que ouvira de sua mãe e de seu pai, começou seu ativismo em meio aos eventos que se seguiram à Revolução Al-Buraq. Participou da Conferência das Mulheres Árabes Palestinas, em outubro de 1929 em Jerusalém, na qual trezentas mulheres se reuniram para discutir a situação política e publicar uma carta explicando as razões da revolução e as demandas do seu povo.

Com suas companheiras, ela estabeleceu em Jerusalém a “Associação de Mulheres Árabes” em resposta às decisões da primeira conferência de mulheres, conhecida como Sindicato das Mulheres. Também organizou, com Milia Sakakini, uma campanha gratuita para ensinar às meninas os princípios da leitura e da escrita e criou a “Escola Doha”, que foi uma das escolas conhecidas pelo bom atendimento às meninas, em termos de educação e saúde.

Através dos “Comitês de Mulheres Árabes”, desempenhou um papel de destaque na etapa da greve e da Grande Revolução (1936-1939), tendo a iniciativa de ir aos tribunais para assistir às sessões de julgamento das revolucionárias presas por seu ativismo, juntamente com várias outras mulheres, a fim de levantar o moral das acusadas e mostrar às autoridades que o povo estava ao lado dessas heroínas.

Nos anos 40, dobrou a atuação da entidade das mulheres no campo cultural, convidando constantemente intelectuais e artistas para palestras científicas e patrióticas e debates culturais. O segredo de seu sucesso era não depender apenas de doações, mas também de um trabalho produtivo. Após a Nakba, ela continuou esse trabalho com maior intensidade, o que a fez se mudar com frequência entre Jerusalém e Amã, voltando sempre a Jerusalém. Ela acrescentou às suas responsabilidades em 1959 a presidência da União das Sociedades de Caridade da Província de Jerusalém.

<sup>3</sup> [www.paljourneys.org/en/biography/9765/zulaykha-al-shihabi](http://www.paljourneys.org/en/biography/9765/zulaykha-al-shihabi)  
(Zulaykha al-Shihabi)

Participando de conferências árabes e internacionais sobre mulheres, suas viagens incluíram Grã-Bretanha e Rússia, além de capitais árabes, representando as mulheres palestinas e sua causa.

Foi uma das primeiras deportadas pelas autoridades israelenses para a Jordânia após a ocupação de Jerusalém Oriental e da Cisjordânia em 1967. No entanto, a intervenção de vários países e das Nações Unidas obrigou Israel a permitir que ela retornasse e realizasse seu trabalho como chefe do Sindicato das Mulheres. Ela continuou a trabalhar ativamente até sua morte, aos 89 anos. Morreu em 1992 e seu corpo foi enterrado na Mesquita de Al-Aqsa, na presença de muitas personalidades nacionais.

### Hind al-Husseini<sup>4</sup> 1916-1994



**Hind al-Husseini** nasceu na cidade de Jerusalém em 1916. Recebeu sua educação primária na Escola de Meninas Islâmicas perto da Mesquita de Al-Aqsa. Em 1932, ingressou no Colégio Inglês para Meninas e se formou em 1937. Ela continuou seus estudos por conta própria em 1938, em literatura árabe e inglesa, e trabalhou como professora na Islamic Girls School por um ano. Ela parou de lecionar por um curto período, após a eclosão da Segunda Guerra

Mundial, e depois continuou ensinando até o final do ano acadêmico de 1945-1946.

Em 1948, Hind al-Husseini começou a se dedicar ao trabalho social voluntário, participando da criação da “Associação Feminina de Solidariedade Social” em Jerusalém, cujas filiais se espalharam por toda a Palestina, chegando a 22 unidades. Essa associação investigava as condições das mulheres e crianças nas cidades e aldeias palestinas, criando espaços de assistência e aprendizagem.

No mês de abril de 1948, a caminho de uma reunião da Associação na Cidade Velha, Hind al-Husseini viu na rua um grupo de crianças sem-teto, a mais velha com nove anos, muito debilitadas, fugindo da aldeia de Deir Yassin após o massacre cometido pelos grupos sionistas. Então, ela decidiu levá-las para seu apartamento, e depois as mudou para a casa de sua família, sendo que este fato a levou a estabelecer uma associação de caridade para servir crianças palestinas órfãs e carentes, que ela chamou de “A Casa da Criança Árabe”. A pequena organização cresceu para se tornar, durante os anos 50 e início dos anos 60 do século XX, uma instituição de ensino nacional de prestígio que incluía creche, jardim de infância, escolas preparatórias e secundárias, combate ao analfabetismo e ensinos de costura.

Em 1982, a casa do falecido escritor palestino, Issaf al-Nashashibi, foi comprada para se tornar o Centro Issaf al-Nashashibi de Cultura e Artes, preparado como um centro de pesquisa islâmica e um instituto superior. Hind al-Husseini, com a ajuda de Ishaq Musa al-Husseini, estabeleceu uma biblioteca nesse centro, com milhares de livros.

Em 1982, com a ajuda da Organização da Conferência Islâmica, Hind al-Husseini ingressou na Universidade Al-Quds em Abu Dis, em 1995, e recebeu o título de Bacharel em Artes.

<sup>4</sup> <http://www.paljourneys.org/en/biography/14219/hind-al-husseini>  
(Hind al-Husseini)

Hind al-Husseini é uma das mais bem-sucedidas e influentes pioneiras em educação, trabalho voluntário e social na Palestina. Ela recebeu várias homenagens por sua atividade social, incluindo uma medalha do Papa Paulo VI durante sua visita a Jerusalém em 1964. Hind al-Husseini morreu e foi enterrada em Jerusalém.

### **Sadhij Nassar<sup>5</sup>** **1900-1970**



**Sadhij Nassar** nasceu em Haifa em 1900 e estudou na Escola das Irmãs de Nazaré, em Haifa. Ela começou sua carreira em 1923 escrevendo artigos para o jornal Al-Karmel, fundado por seu marido, Naguib Nassar, em 1908, em Haifa, participando com ele da sua edição e gestão.

---

**5** <http://www.paljourneys.org/en/biography/14231/sadhij-nassar> (Sadhij Nassar)

Em 1926, Sadhij Nassar abriu uma seção no jornal chamada “The Women’s Newspaper”, tratando de questões sociais. Em 1932, ela tinha duas seções no jornal, uma sobre mulheres e outra sobre assuntos sociais em geral. Seus artigos sobre as mulheres se distinguiam pelo espírito libertador, exortando as mães palestinas a criar seus filhos com base na igualdade entre meninos e meninas, defendendo a educação das mulheres palestinas, oferecendo-lhes oportunidades de trabalho, atacando as discriminações sociais predominantes na sociedade e encorajando as palestinas a entrar na vida política e participar da resistência à influência do colonialismo britânico e sionista.

Ela participou de várias conferências de mulheres árabes e fez parte da delegação à “Conferência das Mulheres do Leste para a Palestina”, realizada no Cairo, em meados de outubro de 1938. Ela também participou da “Conferência Geral das Feministas Árabes”, no Cairo, em 1944, a convite da União das Mulheres Egípcias, e fez um discurso no qual instava árabes a se moverem para salvar a Palestina antes que fosse tarde demais.

Sadhij foi a primeira palestina presa durante pelo Mandato Britânico por causa de seu ativismo. As autoridades britânicas a prenderam no final de 1938 sob a acusação de fornecer armas a revolucionários palestinos, depois de descrevê-la como uma “mulher muito perigosa” e “uma instigadora proeminente.” Ela passou onze meses no cárcere, período em que organizou uma ampla campanha local e internacional por sua libertação. Seu marido escreveu-lhe uma carta dizendo que, se não entrasse para a história por causa da criação do jornal Al-Karmel, entraria por causa de sua luta.

Após a Nakba em 1948, ela refugiou-se no Líbano, onde publicou uma série de artigos no jornal Al-Youm sobre a tragédia e a deterioração da situação na Palestina. Depois mudou-se para a Síria e começou a publicar seus artigos em jornais de lá.

Sadhij Nassar foi uma lutadora nacional ferrenha, feminista pioneira e persistente, e uma das primeiras mulheres palestinas a trabalhar no campo político e organizacional nacional e na profissão de jornalista. Ela desfrutava de um alto nível cultural e era fluente em quatro idiomas. Morreu em Damasco, onde seu corpo foi enterrado.

### **Samira Azzam<sup>6</sup>** **1927-1967**



Nascida na cidade palestina de Acre, em 1927, em uma família cristã ortodoxa, **Samira Azzam** fez o ensino fundamental em uma escola pública local e o ensino médio na Escola Complementar das Freiras de Haifa, Dedicou-se apaixonadamente ao estudo da língua e literatura inglesa, até se tornar proficiente na escrita e na fala.

Trabalhou como professora na Escola Ortodoxa Grega de Acre de 1943 a 1945. Na primeira metade dos anos quarenta, passou a publicar artigos no jornal Palestine.

Após a Nakba de 1948, emigrou com a família para o Líbano. Em seguida, mudou-se para o Iraque, onde trabalhou na área de ensino em uma escola para meninas na cidade de Hilla por dois anos, retornando depois ao Líbano, onde começou a publi-

car sua produção literária em algumas revistas como: Al -Adib, Al-Adab e outras.

Como os primeiros anos da década de 60 se caracterizaram pelo surgimento de diversas frentes secretas palestinas, ela teve um papel ativo na construção do núcleo da Frente de Libertação da Palestina, em 1961. Samira Azzam era a única mulher no grupo de militantes que se reuniam para preparar o estabelecimento dessa frente, desde a primeira publicação interna em 1963. Ela continuou sua luta secreta, trabalhando incansavelmente, e depois tornou-se a responsável pela seção feminina da frente, exercendo a função até o ano de sua morte.

Durante sua atividade política pública, ela participou do primeiro Conselho Nacional Palestino, do qual surgiu a Organização para a Libertação da Palestina (OLP), em 28 de maio de 1964. Ela foi uma das oito mulheres que representaram as palestinas nesta histórica conferência. Também participou da conferência realizada pela “União Geral das Mulheres Palestinas” em Jerusalém, e várias de suas camaradas na frente participaram com ela.

Samira Azzam foi pioneira entre as mulheres árabes da Palestina em ativismo nacional, seja na luta clandestina ou em seu trabalho jornalístico de rádio, além de atuar como tradutora.

Deixou cinco coletâneas de contos, além de estudos literários e críticas. O crítico egípcio Raja Al-Naqqash a chamou de “a princesa do conto árabe”. Já Ghassan Kanafani, referiu-se a ela como “minha professora”, e afirmou que sua literatura era mais do que feminista, ao abordar toda uma questão nacional bastante abrangente.

<sup>6</sup> <http://www.paljourneys.org/en/biography/6567/samira-azzam> (Samira Azzam)

## **Samiha Khalil<sup>7</sup>** **1923-1999**



**Samiha Khalil** nasceu em Anabta e iniciou suas atividades atuais nos níveis social e nacional em 1952, quando fundou a Associação da das Mulheres Árabes em Al-Bireh e foi sua presidente.

No início dos anos sessenta, ela contribuiu para o estabelecimento da União Geral das Mulheres Palestinas e participou da sua delegação ao primeiro Conselho Nacional Palestino que estabeleceu a Organização para a Libertação da Palestina na cidade de Jerusalém em 1964.

A militante Samiha Khalil se destacou no cenário palestino, especialmente após a ocupação israelense da Cisjordânia e da Faixa de Gaza em 1967, desempenhando um papel de liderança na resistência. Em 1980, as forças de ocupação israelenses impuseram-lhe uma prisão domiciliar por um período de dois anos e meio, e ela foi impedida de viajar depois disso por um período de doze anos, durante o qual ela não teve permissão para compartilhar com sua família a perda de sua irmã e neto.

Ela representou as mulheres palestinas em muitas conferências internacionais e foi impedida de participar de algumas delas por alegações de segurança. Fundou e participou de muitas associações e sindicatos

---

**7** <http://www.w6an.com/samiha-khalil/> (Samiha Khalil)

desde 1965. Além da Family Revival Association, que dirigiu, ela contribuiu para a Associação Cristã de Moças e a União das Sociedades de Caridade em Jerusalém, e foi chefe da União das Sociedades Voluntárias, que incluiu 55 associações da Cisjordânia e da Faixa de Gaza.

Samiha é considerada uma das pioneiras e símbolos do movimento humanitário e feminista nacional palestino, que teve um papel claro no processo de luta nacional e que contribuiu ativamente para o enfrentamento das injustiças sociais contra as mulheres, apoiando-as por meio de instituições e associações, sendo a única candidata à presidência nas eleições da Autoridade Palestina em 1996.

## **Fadwa Tuqan<sup>8</sup>** **1917-2003**



**Fadwa Tuqan** é uma poetisa e escritora palestina, nascida em 1917 na cidade de Nablus. Ela teve o ensino fundamental nas escolas da cidade mas, como sua família conservadora considerava inaceitável a participação feminina na vida pública, Fadwa abandonou a escola e continuou a se educar sozinha, com a ajuda de seu irmão, o poeta Ibrahim Tukan. Ele a ajudou a direcionar seus talentos para a poesia e encorajou-a a escrever e publicar em muitos jornais árabes.

---

**8** <http://www.info.wafa.ps/persons.aspx?id=344> (Fadwa Tuqan)

As catástrofes se seguiram na vida de Fadwa Tukan, que perdeu seu pai e, em seguida, seu irmão e professor Ibrahim e, depois, viu a ocupação da Palestina durante a Nakba de 1948. Essas sucessivas tragédias tiveram impacto emocional, o que fica claro em seu primeiro livro de poesia “Sozinha com os dias”. Ao mesmo tempo as experiências sofridas a tornaram mais forte e decidida a participar da vida política durante a década de 1950.

Fadwa alcançou uma posição de destaque no mundo a literatura e poesia. Resistiu à sociedade que queria extinguir seu brilho e silenciar sua voz no início da vida, e lutou com sua caneta e literatura para defender seus direitos e os direitos de seu país roubado. Sua poesia representou uma base poderosa para as mulheres ao tratar do amor, revolução e enfrentamento da sociedade opressora.

Fadwa viajou para Londres no início dos anos 60 do século passado, onde morou por dois anos, e esta residência abriu-lhe novos conhecimentos e horizontes, em contato com as conquistas da civilização europeia moderna. Após a Naksa, o revés de 1967, a poetisa saiu de sua concha para participar da vida pública em Nablus e também em conferências, reuniões e simpósios literários que eram realizados por poetas palestinos proeminentes, entre eles Mahmoud Darwish, Samih al-Qasim e Tawfiq Ziyad.

Fadwa Tukan dedicou sua vida à poesia e à literatura, publicou várias coleções de livros e obras, ocupou vários cargos universitários e seu trabalho foi objeto de muitos estudos árabes. Além disso, recebeu diversas honras e prêmios. Era chamada de poetisa da Palestina. O poeta “Mahmoud Darwish” foi além e a chamou de mãe da poesia palestina. A pesquisadora Widad Sakakini disse sobre ela, que “Fadwa Tukan transmitiu a mensagem da poesia feminista em nossa geração contemporânea que lhe permite dominar a linguagem clássica e praticá-la com eloquên-

cia, e ela não recita a poesia fabricada que cheira a tradução e citação”. Em 2003, Fadwa Tukan se despediu do mundo aos oitenta e seis anos, como lutadora em palavras e poemas pela liberdade da Palestina. Seu famoso poema sobre Palestina foi inscrito em seu túmulo: “Basta-me morrer nela e ser sepultada nela, e sob suas riquezas me derreto e pereço, e mando grama à sua terra e mando-lhe uma flor à palma de uma criança que cresceu no meu país ... Basta-me permanecer no seio da minha pátria com terra, erva e uma flor.”

### **Shadia Abu Ghazaleh<sup>9</sup>** **1949-1968**



**Shadia Abu Ghazaleh** nasceu em Nablus, em 1949. Ela recebeu sua educação primária e secundária nas escolas da cidade e se formou na Fatimid School for Girls. Em 1966, ingressou na Universidade Ain Shams, no Cairo, no Departamento de Sociologia e Psicologia. Então ela decidiu retornar a Nablus e completar sua educação no An-Najah National College.

As tentativas de sua família de dissuadi-la dessa decisão não tiveram sucesso, especialmente após os eventos da Naksa de 1967, quando, ainda adolescente, ela começou sua atividade política.

<sup>9</sup> <http://www.arabi21.com/story/> ( Shadia Abu Ghazaleh)

Shadia Abu-Ghazaleh se juntou à organização palestina do Movimento Nacionalista Árabe em 1962. Depois que Israel ocupou a Cisjordânia e a Faixa de Gaza, em 5 de junho de 1967, a organização Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP) emergiu do Movimento Nacionalista Árabe, sob o primeiro líder George Habash, junto com um grupo de seus camaradas formado por Wadih Haddad, Abu Ali Mustafa e Ahmed Al Yamani Abu Maher. Shadia mais tarde se tornou uma das principais integrantes dela.

Shadia não era apenas um lutadora e uma guerrilheira, também se destacava pela dedicação aos estudos ao máximo. Além do paixão e amor pela poesia, ela cantava constantemente o verso: “Se eu cair, tome meu lugar... meu camarada na luta”.

Participou em muitas operações de comando contra o exército de ocupação israelense. No dia 28 de novembro de 1968, ela estava preparando uma bomba na casa de sua família, e a bomba explodiu em suas mãos, o que levou à sua morte, Tornou-se assim a primeira mártir palestina após a Naksa, o revés de 1967.

### **Dalal Mughrabi<sup>10</sup>** **1959-1978**

**Dalal al-Mughrabi** é uma das mais famosas ativistas palestinas, nascida em 1958 em um dos campos palestinos de Beirute, filha de uma família de Jaffa que buscou refúgio no Líbano após a Nakba de 1948. Ela recebeu sua educação primária e preparatória em escolas afiliadas à Agência Internacional de Socorro no campo e decidiu se juntar às fileiras da revolução palestina e trabalhar nas guerrilhas do movimento Fatah, enquanto ainda estava na escola. Fez muitos cursos militares e

recebeu aulas de guerrilha, durante as quais ela foi treinada em diferentes tipos de armas. Era conhecida por sua ousadia, coragem, alto patriotismo e devoção à Palestina.



Dalal foi escolhida como chefe do grupo da operação de resposta ao assassinato de muitos líderes da resistência, formado por dez guerrilheiros. A operação ficou conhecida como “Kamal Adwan”, e o grupo como “Deir Yassin.”

Na manhã de 11 de março de 1978, Dalal e seu grupo desceram de um barco na costa palestina e embarcaram em dois outros barcos. O processo de desembarque e chegada deu certo, sem que os israelenses pudessem descobri-lo a tempo, por falta de avaliação da capacidade e ousadia da resistência palestina.

Dalal e seu esquadrão conseguiram chegar a Tel Aviv e apreender um ônibus militar com todos os seus soldados, enquanto o confronto continuava com outros elementos israelenses do lado de fora do ônibus, resultando em muitas mortes e ferimentos do lado israelense. Devido às altas perdas, o governo de Israel enviou um esquadrão especial do exército liderado por Ehud Barak para parar o ônibus, capturar e matar seus ocupantes. Aviões e tanques foram usados para cercar os fedayeen, o que levou Dalal Mughrabi a tomar a decisão de explodir o ônibus, morrendo também.

**10** <http://www.info.wafa.ps/persons.aspx?id=325> (Dalal Mughrabi)

## Leila Khaled<sup>11</sup>



**Leila Khaled** é uma famosa lutadora palestina contra a ocupação israelense e membro da Frente Popular para a Libertação da Palestina. Ela foi a primeira mulher a sequestrar um avião, em agosto de 1969, em uma época em que sequestros de aeronaves para libertação ou troca de prisioneiros tornava-se parte das estratégias de luta contra a ocupação israelense.

Leila desviou um avião da empresa israelense El Al para a Síria, com o objetivo de libertar pessoas presas por Israel na Palestina e chamar a atenção do mundo para a causa palestina. Depois de um tempo, pela mesma razão, ela sequestrou um avião americano da TWA sendo presa em um pouso em Londres, e depois liberada.

Leila Khaled nasceu em Haifa em 1944, ainda sob o Mandato Britânico. Durante os acontecimentos da Nakba, sua família buscou refúgio no Líbano. Aos 15 anos, ela ingressou com o irmão no Movimento Nacionalista Árabe, fundado por George Habash, e que se tornaria a Frente Popular de Libertação da Palestina em 1968.

<sup>11</sup> [http://www.genderiyya.xyz/wiki/\(Leila\\_Khaled\)](http://www.genderiyya.xyz/wiki/(Leila_Khaled))

Leila Khaled estudou nas escolas da Federação de Igrejas Evangélicas da cidade de Tiro e completou o ensino médio na Escola Sidon. Em 1963, ingressou na Universidade Americana de Beirute, mas estudou lá por apenas um ano, pois a família não conseguiu cobrir os custos do estudo. Durante o tempo nessa universidade, ela foi eleita membro do conselho administrativo da União Geral de Estudantes Palestinos em Beirute.

No início de 1969, Leila ingressou nos campos de treinamento da Frente Popular na Jordânia. Em 29 de agosto de 1969, com a ajuda de Salim al-Issawi, Leila sequestrou um avião americano de passageiros do voo 840, que fazia conexão com a linha Los Angeles- Tel Aviv. Os dois embarcaram no avião quando ele parou em Roma e, meia hora depois, desviaram o voo para Damasco, na Síria, onde retiraram os 116 passageiros e depois explodiram o avião.

Em 6 de setembro de 1970, Leila Khaled tentou sequestrar outro avião, seguindo para Frankfurt com o nicaraguense Patrick Arguello. Eles embarcaram em um voo da empresa israelense El Al como parte de uma operação complexa para sequestrar três aviões, um em Zurique e outro nos Estados Unidos. A operação não se completou, pois dois do grupo não compareceram. Arguello foi morto durante o pouso de emergência em Londres, enquanto ela caía em cativeiro da Scotland Yard. Cerca de um mês depois, quando seus companheiros sequestraram um avião da Pan American, ela foi libertada durante uma troca de prisioneiros.

Leila escreveria depois: “Nosso objetivo mínimo era a inscrição do nome da Palestina na memória da humanidade e na mente de todo libertário que se preze e que acredite no direito do subjulgado à autodeterminação. ... Nós estávamos empenhados em atacar o coração do opressor.”

Ela estudou entre 1978 e 1980 em Moscou e Rostov. Mas interrom-

peu seus estudos quando a OLP convocou estudantes universitários no exterior a contribuírem para a defesa da revolução palestina. Durante a invasão israelense do Líbano, no verão de 1982, ela ajudou a acolher os deslocados, além de cuidar dos feridos em hospitais.

Leila Khaled mora agora na Jordânia com o marido e dois filhos, e atualmente é membro do Conselho Nacional Palestino.



### Susan Abulhawa<sup>12</sup>

**Susan Abulhawa**, nascida em 3 de junho de 1970, é uma escritora palestino-americana e ativista de direitos humanos. É autora dos romances que se tornaram best-sellers internacionais “Mornings in Jenin”, e “Blue Between Sky and Water”. É também fundadora da

organização Playgrounds for Palestine.

Seus pais nasceram na cidade de Tur, em Jerusalém, e foram deslocados na guerra de 1967. O pai contava ter sido expulso sob a mira de uma arma. Sua mãe estudava na Alemanha, e não pôde voltar. Eles se reuniram na Jordânia antes de seguir para o Kuwait, onde Susan nasceu em 1970. Depois que a família se desintegrou devido à guerra, ela foi mandada para morar com um tio nos Estados Unidos, onde permaneceu até os cinco anos de idade. Depois, mudou-se para a Jordânia e o Kuwait, vivendo com outros membros da família. Aos dez anos, ela foi transferida para Jerusalém e acabou em um orfa-

nato. Aos treze anos, foi enviada para a Carolina do Norte como filha adotiva. Passou a morar nos Estados Unidos desde então, formando-se em biologia e completando um mestrado em neurociência.

Mais tarde, começou a trabalhar com jornalismo e ficção, contribuindo para algumas antologias publicadas nos principais jornais americanos e internacionais.

Em 2001, ela visitou Jerusalém e impressionou-se com os escombros e vazios onde poderia haver lazer para as crianças e teve a ideia de criar a “Playgrounds for Palestine”, uma organização não governamental que defende o direito das crianças palestinas a brincar e atua construindo dezenas de parquinhos e equipamentos para elas na Palestina e também na Síria e nos campos de refugiados no Líbano.

Ela publicou seu primeiro romance, “Mornings in Jenin”, em 2010, e o livro foi traduzido a pelo menos 26 idiomas. Em 2013, ela publicou alguns escritos poéticos intitulados “My Voice Sought the Wind” e anunciou seu segundo romance, “Blue Between Sky and Water”, que publicado no Reino Unido em 4 de junho de 2015 e nos Estados Unidos em 1º de setembro de 2015 e traduzido para mais de 19 idiomas.

Em 2020, ela publicou o romance “Against Lovelles World”, vencedor do Palestine Book Awards.

Ganhou vários prêmios árabes e internacionais em categorias de ficção histórica, imaginação e criatividade.

Susan Abulhawa mora em Yardley, Pensilvânia.

---

12 <http://www.arabworldbooks.com/en/authors/susan-abulhawa>  
(Susan Abulhawa)

# MEMO



## MONITOR DO ORIENTE MEDIO

*Criando Novas Perspectivas*



[monitordooriente.com](http://monitordooriente.com)



[/monitordooriente](https://www.facebook.com/monitordooriente)



[@monitordoorient](https://twitter.com/monitordoorient)



[@monitordooriente](https://www.instagram.com/monitordoorient)